



A saga do cangaceiro: notas sobre as representações do cangaço na literatura de cordel brasileira e o realismo criatural de Erich Auerbach

Jorge Henrique da Silva Romero
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

I

Este nosso sertão é assim mesmo, Senhora Dona Josefina, há de sofrer do Governo, de rezar com beato, e lavar os peitos com os cangaceiros.
(Rego, 2007: 77)

O isolamento das sociedades agrárias constituiu formas específicas de organização social não subordinadas diretamente ao Estado, formando, assim, células autônomas, social, econômica e politicamente independentes. O impacto do isolamento pode ser sentido drasticamente na ausência de uma estrutura jurídica e na organização de uma *autárquia*, na qual cada indivíduo torna-se responsável por si próprio e, em um sentido mais amplo, essa organização pode aparecer como formalização política e social do traço característico que privilegia a disposição individual em detrimento do coletivo, no processo de formação das sociedades baseadas nas atividades agrárias. Sobre esse aspecto Pernambucano de Mello observa:

Quando em fins do século XVII e ao longo de todo o século XVIII a necessidade de expansão colonizadora empurrou o homem para além das léguas agricultáveis do massapê, projetando-o no universo cinzento da caatinga, fez surgir um novo tipo de cultura, cujos traços mais salientes podem ser resumidos na predominância do individual sobre o coletivo – no plano do trabalho – e nos sentimentos de independência, autonomia, livre-arbítrio e improvisação, como características principais do homem condicionado pelo cenário agressivo e vastíssimo que é o sertão (Mello, 2011: 42).

No campo dos discursos jurídicos, a atividade dos grandes proprietários criou formas autônomas de controle social, agindo na ausência do Estado por regras rigidamente estabelecidas pelos próprios proprietários de terras, que procuraram, através do agenciamento de capangas, cercear as possibilidades de resistência e manter despoticamente as disparidades das estruturas sociais, formando assim um novo tipo de cultura que privilegia a autonomia política e social da propriedade privada.

A distância dos grandes centros era, via de regra, tomada como fator de rebaixamento das populações sertanejas, consideradas de forma negativa como “não civilizadas”, ou “pré-civilizadas” e, ao mesmo tempo, desprezadas pelo próprio seio da “civilização”; desprezo este que tomou forma através da elaboração dos mais variados discursos que legitimavam o processo de exclusão. Sobre esse fenômeno, destaco os primeiros trabalhos de Gustavo Barroso, como *Heróis e Bandidos*, publicado em 1917. Nesse livro, o autor, influenciado pelas correntes críticas que dominaram o campo dos saberes científicos da época, propõe uma interpretação pelo prisma da tríade clima, raça e meio:

O habitante do sertão está murado num ambiente onde não há o menor desenvolvimento, ignorando quase por completo a civilização moderna, em contato diário com as tradições únicas da raça e do meio, revendo o passado em todas as manifestações da vida, enchendo-se de preconceitos doutros tempos, procurando imitar os antepassados e praticar hoje ações compatíveis com o estado social séculos atrás. Demais, a luta feroz desse homem desprezado pelo poder público, insulado, contra a natureza armada com todas as armas dá-lhe grande pretensão de superioridade e torna indomável a altivez do caráter, poucas vezes mal e sempre pessimamente educado. Foi a vida triste, solitária e forte dos pastores que formou sempre as maiores multidões de bandidos. Ela reuniu os massagetas, agrupou os hyksos, arrastou os hunos sobre a Europa, deu poderio aos dervixes da Nubia e ao senussi tripolitano. (Barroso, 2012: 28)

De acordo com essa perspectiva, o sertanejo estaria “murado” no tempo e no espaço. Isolado da civilização, alimenta-se de tradições ancestrais, lutando contra as adversidades do meio. A falta de dinamismo, o rebaixamento cultural e a simplificação são predominantes nas teorias fundadas na tríade meio-raça-clima. São teorias fundadas na ideia de “confinamento cultural”, no sentido de interpretar as culturas realçando negativamente os caracteres que mais divergem das culturas pretensamente “civilizadas”. De acordo com essas teorias, não há saída para estes indivíduos “confinados” em estruturas culturais fundadas na valorização das tradições ancestrais. Ainda em Gustavo Barroso, merece destaque o espaço do sertão que vive “a parte do convívio nacional pelas grandes distâncias a percorrer e falta quase absoluta de meios de comunicação”. Sem estradas que possam interligar os sertões e os centros “civilizados”, resta somente aos retirantes a difícil tarefa de abrir vias tortuosas para fugir das secas, em busca de melhores condições de vida: “Existem somente velhos caminhos coloniais, estragados pelas invernias e o passar das tropas e boiadas, veredas torcicolosas nas terras particulares e raras vias abertas pelos retirantes, durante as secas do século passado” (Barroso, 2012: 29).

Essas interpretações culminam em representações idealizadas de tipos sociais: “Foi a vida triste, solitária e forte dos pastores que formou as maiores multidões de bandidos”. Tipos sociais

como o vaqueiro e, principalmente, o cangaceiro, parecem ser vistos pela ótica idealizadora que enquadra tanto o primeiro quanto o segundo na categoria de “heróis”, representantes populares do profundo anseio por mudanças nas estruturas sociais, além de representarem exemplos de resistência contra as arbitrariedades presentes nestas estruturas. Como afirma Mark Curran, o cangaceiro na literatura de cordel é um “herói por excelência”; visto, dessa forma, como um “tipo heroico legítimo, maior do que a vida, verdadeiro ‘cavaleiro do sertão’, com as cintas repletas de balas, o rifle ‘papo-amarelo’, o revólver e o facão” (Curran, 2003: 60).

Muitos folhetos apresentam a vida, as batalhas heroicas, as lutas encarniçadas e os valores nobres de cangaceiros célebres como Antônio Silvino e Lampião, que rivalizam em bravura com cavaleiros como Carlos Magno, Oliveiros e Roldão. Lampião, contudo, ganhou uma batalha contra esses cavaleiros medievais: sua imagem formou um ciclo temático à parte, constituindo uma parte específica de folhetos dedicados à vida do cangaceiro, como seu amor por Maria Bonita, suas lutas contra as volantes de soldados e, inclusive, merece destaque seus encontros imaginários; seja com o diabo, Kung Fu, São Pedro, Eike Batista e outros tantos personagens¹. O que é possível perceber no elenco desses personagens que encontram Lampião é a disposição heroica contra o arbitrário, acentuando ainda mais o caráter de resistência e valentia, fenômeno que atribui um imperativo ético e uma feição guerreira à imagem do cangaceiro.

Para Darcy Ribeiro, a gênese do cangaço, poderia ser encontrada no “enquadramento social do sertão”, no qual o aliciamento de jagunços por parte de coronéis tornava-se prática recorrente e incentivadora do banditismo. Ao mesmo tempo em que o latifúndio aliciava forças para assegurar seu domínio – através de agentes de controle social por meio da violência reguladora do jagunço, enquanto braço armado do coronel –, a contrapartida é a criação de uma força desviante que procura resistir, também através da violência, ao pleno domínio do coronel, seja combatendo diretamente este, seja estabelecendo acordos, transformando-o assim em “coiteiro”; em outras palavras, um agente colaborador que poderia trabalhar para a manutenção dos grupos de cangaceiros e, ao mesmo tempo, proteger-se-ia seus próprios interesses.

II

O homem do cangaço, segundo Frederico Pernambucano de Mello, disputa com o vaqueiro “a primazia no representar do modo mais completo o conjunto dos atributos e qualidades que

1 Exemplos desses encontros constituem os seguintes folhetos: “A eleição do diabo e posse de Lampião no inferno” de João José da Silva; “A chegada de Lampião no céu” de Rodolfo Coelho Cavalcanti; “A chegada de Lampião no inferno” de José Pacheco; “Encontro de Lampião com Kung Fu em Juazeiro do Norte” de Abrão Batista.

caracterizam o homem do ciclo do gado”². Contudo não existe uma única forma de cangaço, como bem adverte o autor. São muitos os interesses e motivações destes homens que escolhem o cangaço; podendo, portanto, constituir-se um meio de vida, uma forma de refúgio ou a possibilidade de vingança. Dessa maneira, esse fenômeno vai adquirindo variadas matizes, a depender das motivações que moviam esses sujeitos em direção aos bandos. Tarefa difícil para os estudiosos tornou-se a definição dos contornos desse fenômeno, o entendimento das relações sociais, o impacto do isolamento geográfico e, acima de tudo, a compreensão das relações de forças entre coronéis e cangaceiros, sendo que esses últimos, não raro, cediam aos interesses dos primeiros, reafirmando, assim, os caracteres de uma sociedade centralizada politicamente na figura do grande proprietário de terras. Por outro lado, esse fenômeno é pintado com cores de subversão extrema dessa ordem social, e o cangaceiro surge como espécie de Robin Hood do sertão nordestino. Ao definir o cangaço, Darcy Ribeiro parece lançar mão dessa pintura:

Foi uma forma de banditismo típica do sertão pastoril, estruturando-se em bandos de jagunços vestidos como vaqueiros, bem-armados, que percorreram as estradas do sertão em cavalgadas, como ondas de violência justiceira. Cada integrante do bando tinha sua própria justificativa moral para aliciar-se no cangaço. Um, para vingar uma ofensa à sua honra pessoal ou familiar; outro, para fazer justiça com as próprias mãos, em razão de agravos sofridos de um potentado local; todos fazendo do banditismo uma expressão de revolta sertaneja contra as injustiças do mundo. Resultaram, por vezes, na eclosão de um tipo particular de heroísmo selvagem que conduziu a extremos de ferocidade. Tais foram os cangaceiros célebres que, se por um lado ressarciam aos pobres de sua pobreza com os bens que distribuía depois de cada assalto, por outro, matavam, estropiavam, violentavam, em puras exibições de fúria (Ribeiro, 1995: 353).

Esse trecho de *O povo brasileiro* apresenta elementos importantes para a compreensão do cangaço enquanto movimento surgido no espaço denominado pelo antropólogo como “enquadramento social do sertão”, com uma sociedade dominada pelo latifúndio pastoril, onde se torna prática comum o aliciamento de jagunços, tanto para a defesa da propriedade latifundiária, como para a manutenção das relações sociais. O primeiro elemento que merece destaque é a caracterização do banditismo enquanto produto de uma determinada estrutura agrária na qual a violência se apresenta como expressão imanente desse rígido quadro social. A onda de violência justiceira qualifica os grupos de cangaceiros como elementos transgressores da ordem social no sertão nordestino. Porém, no momento em que o cangaceiro se alia a determinado coronel buscando resguardar-se e protegendo, assim, seus próprios interesses, as estruturas hierárquicas são

2 Entre essas qualidades citadas, o pesquisador ressalta valores como o “aventureirismo”, “arrojo pessoal” e também a vida baseada no nomadismo, somando-se a isso, o fato de ser este um homem sem patrão numa sociedade organizada hierarquicamente através das relações entre o coronel e os demais sertanejos. (Mello, 2011: 87)

mantidas, além do fato que consiste na atribuição de maior possibilidade de controle da força política do coronel, que dispunha agora de um forte aliado para defender seus interesses privados. Nesta última perspectiva, o banditismo dos grupos de cangaceiros não constitui um produto transgressor das estruturas agrárias, mas uma expressão legítima dessas relações hierárquicas.

No rastro das formas sociais que explodem na formação de grupos armados no espaço de extrema desigualdade no campo, surge a teoria do banditismo social. Eric Hobsbawm é considerado um dos principais expoentes dessa teoria que procura explicar a formação de “bandidos” enquanto agentes sociais que se configuram enquanto forma de resistência às desigualdades extremas de suas condições sociais. Luiz Bernardo Pericás, em seu ensaio de interpretação histórica, aborda os pontos questionáveis dessa teoria:

A partir de um modelo por demais “universalizante”, ele tentou encontrar traços comuns em determinados tipos de bandidos do meio rural e colocá-los dentro de um mesmo esquema teórico, usando pouca ou quase nenhuma base documental para comprovar suas asserções. Suas fontes são, em muitos casos, tiradas das lendas e do “folclore” popular, constituindo “imagens” idealizadas desses personagens, que não necessariamente refletiriam a realidade. As narrativas dos cordéis populares ou dos livros escritos por jornalistas ou militares que combateram os cangaceiros, mesmo sendo textos interessantes, seriam “interpretações” filtradas dos relatos reais ou imaginários, e reelaboradas a partir de desejos, preconceitos e formação dos seus diferentes autores (Pericás, 2010: 25).

Esse modelo “universalizante” parece problemático, pois deixa de lado as especificidades que constituem os diversos espaços sociais, servindo como moldura teórica capaz de ser aplicada a contextos diversos. É preciso levar em conta a rede complexa de fios históricos e sociais que plasmam o homem e seu meio social e cultural. No entanto, Pericás parece demonstrar uma excessiva confiança na pesquisa histórica fundada na interpretação de uma base documental supostamente idônea, ou seja, que possa “refletir a realidade”. Essa base, no entanto, também é passível de ser questionada, pois também há sempre os riscos das idealizações, da constituição de “imagens” que possam induzir o historiador a considerar o rastro enquanto fato. Os relatos orais, cordéis, lendas e fontes populares fornecem elementos valiosos para compreensão histórica, especialmente do cangaço e toda a memória coletiva que se erigiu sobre esse fenômeno. Retornando ao trecho selecionado de Darcy Ribeiro em sua obra *O povo brasileiro*, merece destaque um segundo elemento: a justificativa moral do cangaceiro. Nesse ponto, Frederico Pernambucano de Mello elaborou uma ideia original para entender a necessidade do cangaceiro justificar-se diante de si e também socialmente, através de imperativos éticos que explicassem sua entrada no mundo árido

de homens de chapéu de couro ornados com signos de Salomão, mosquetão (de preferência Mauser), bornais e alpercatas desgastadas que percorriam léguas sertão adentro:

Construído sob imperativo da consciência moral, o escudo ético destinava-se a preservar ambas as imagens, estabelecendo uma causalidade ética que, sendo embora simples produto de elaboração mental, lograva o efeito por assim dizer mágico de convencer a seu próprio construtor, aplacando-lhe os reproches da consciência, além de lhe fornecer excelente justificativa no plano social” (Mello, 2011: 133).

O “escudo ético” tenta atribuir coerência e orientar as ações destes homens que, nesse movimento de justificar-se, acabam por (re)constituir-se enquanto sujeitos; dessa forma, o “escudo ético” pode ser compreendido como um mecanismo de reconstituição subjetiva. Se o sentido de suas ações é completamente orientado pela busca de vingança contra os agravos sofridos, como explicar sua permanência no cangaço após a realização dessa pretensa missão? Onde obter refúgio após cometer um crime, seja ele em defesa da própria honra, ou contra os interesses dos grandes proprietários de terra? Numa sociedade que tem seus núcleos político e econômico centralizado no papel catalizador do coronel, como constituir-se enquanto sujeito sem terra, nem patrão? Essas perguntas levam Pernambucano de Mello a entender a existência de formas de cangaços, sendo as principais:

CANGAÇO-MEIO DE VIDA – tipo de maior frequência e expressão como modalidade criminal dentro do quadro geral do cangaço nordestino. É o banditismo de profissão, que tem como principais representantes Lampião e Antônio Silvino.

CANGAÇO DE VINGANÇA – tipo de ocorrência relativamente menos frequente, embora as suas características de banditismo sertanejamente ético tenham emprestado à imagem genérica do cangaço grande destaque, especialmente literário. Seus principais representantes são Jesuíno Brilhante e Sinhô Pereira.

CANGAÇO-REFÚGIO – tipo de pequena expressão. Diferentemente dos tipos anteriores, este se caracteriza pela riqueza da estratégia defensiva. Como representante máximo, poderíamos apontar o cangaceiro Ângelo Roque, na fase inicial puramente defensiva em que manteve grupo próprio, e naquela imediatamente posterior à sua adesão ao grupo de Lampião. (Mello, 2011: 140)

Na literatura de cordel, a forma de cangaço ficcional por excelência é o cangaço de vingança e, aliada a esta, nasce a necessidade de correção de injustiças e desigualdades.

III

Ao refletir sobre a saga no Brasil, Suzi Sperber encontra valiosas semelhanças entre as

histórias versadas de cordelistas e cantadores sobre Lampião (que após a morte do pai é obrigado a errar pelos sertões, devido sua busca por vingança) e a história do Judeu Errante (também condenado a errar, mas nesse caso devido ao fato de não receber Cristo). Ainda sobre a impunidade, a autora acrescenta:

A impunidade, que em geral não é referida nas narrativas de cordel, as permeia. Por causa dela, o cangaceiro age, mata, punindo com suas mãos, já que o poder instituído pune os humildes, mas não os mais poderosos. Havendo matado, o cangaceiro passa a estar ‘fora da lei’; mas a sua finalidade é, nos seus limites, fazer cumprir a lei, que prevê punição para os criminosos. O cangaceiro é o fora da lei que curiosamente aplica a lei. (Sperber, 2009: 489)

Movimento curioso o de estar “fora da lei”, ao mesmo tempo em que procura cumpri-la. Mas a lei que o cangaceiro institui nos sertões é de outra ordem. Uma lei que não age enquanto expressão do poder dos coronéis da terra, que não procura defender a propriedade privada, apesar de manter as relações sociais existentes em uma sociedade acentuadamente hierárquica, colocando a honra pessoal como valor fundamental e orientando suas ações através de rígidos imperativos éticos³.

O aspecto heroico do cangaceiro não se manifesta somente na literatura de cordel nordestina, mas também no cinema e nas artes plásticas, onde diversas representações valorizam, com colorido e vivacidade, sobretudo, seu caráter “titânico”, alçando-o à condição de legítimo representante do povo sertanejo, justiceiro e “cavaleiro do sertão”⁴.

Nas artes plásticas destacamos a obra do pintor modernista Aldemir Martins, que, utilizando variadas técnicas (crayon sobre papel, nanquim sobre papel, litografia etc.) imprimiu imagens intensas e expressivas de cangaceiros, constantemente objetos de interesse do artista cearense. Nesta perspectiva, destacamos a obra “O cangaceiro”, de 1988. Nessa obra, Aldemir Martins nos mostra o aspecto heroico do cangaceiro pela utilização de cores vivas que parecem refletir a ostentação

3 O autor deste ensaio ainda lembra um episódio narrado muitas vezes por diversos narradores e que, inclusive, constitui passagem memorável de um antigo cordel de Expedito Sebastião da Silva intitulado “Trechos da vida completa de Lampião”. Neste episódio, que se desenrola na casa de uma senhora sertaneja muito amedrontada com a presença dos bandos de cangaceiros, Lampião e seu grupo são recebidos humildemente por essa senhora; o cangaceiro lhe pede, calmamente, que cozinhe algo para seus homens, pois não comiam desde o dia anterior. Um dos cangaceiros, porém, ao comer o prato preparado pela senhora, reclama grosseiramente que a comida estava insossa. Lampião pede então que a senhora traga o sal e entrega ao cangaceiro mal-agradecido, que morre após ser obrigado a comer todo o sal que havia na casa da pobre senhora.

4 No cinema brasileiro destacamos os filmes: “O cangaceiro” de 1953, dirigido por Lima Barreto; “Deus e o Diabo na Terra do Sol” de 1964, dirigido por Glauber Rocha; “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro” de 1969, também dirigido por Glauber Rocha; “Os três cangaceiros” de 1961, dirigido por Victor Lima; “Baile perfumado” de 1996, dirigido por Lírio Ferreira e Paulo Caldas; “Corisco & Dadá” de 1996, dirigido por Rosemberg Cariry; “O cangaceiro trapalhão” de 1983, dirigido por Daniel Filho; citamos por último, o filme “Revoada” de 2008, dirigido por José Umberto Dias.

corpórea do próprio cangaceiro, manifestada em suas vestimentas, ornamentos e utensílios, bem como no seu brio, tenacidade, coragem e orgulho que desvelam uma *hybris* arrebatadora.

Os primeiros cordéis com temática centrada no cangaço surgiram ainda no século XIX. No entanto, o primeiro cangaceiro célebre não surge na literatura de cordel, mas no romance de Franklin Távora, *O Cabeleira*, de 1876. Manuel Diégues Júnior especula que o texto popular mais antigo poder ser um folheto de Pereira da Costa sobre Jesuíno Brilhante⁵.

Porém, é a partir de Leandro Gomes de Barros que se inicia um profícuo ciclo temático que torna o cangaceiro um dos principais personagens ficcionais de nossa história. No folheto intitulado “Como Antônio Silvino fez o diabo chocar”, temos a gênese dos folhetos posteriores que apresentam encontros e situações imaginárias entre Lampião e outros personagens já citados. O cangaceiro, após livrar-se de diversas situações de perigo e enfrentar diversos oponentes, demonstra força e coragem sobre-humana ao encontrar-se com o diabo no inferno. Este último estremece ao reconhecer o cangaceiro, caindo-lhe aos pés, ajoelhado implora perdão por ter agido mal antes de saber a identidade do visitante.

Um traço que gostaríamos de ressaltar nesses cordéis, com esses encontros e situações fantásticas, é o elemento “criatural” de seu realismo. No capítulo de *Mimesis*, de Erich Auerbach, dedicado ao livro *Gargântua e Pantagruel*, o crítico afirma o sentido que adquire o “realismo criatural” com a obra de Rabelais:

O realismo criatural adquiriu com Rabelais um sentido totalmente novo, violentamente oposto ao sentido medieval, o do triunfo vitalista-dinâmico da corporalidade e das suas funções. Com Rabelais não há mais pecado original nem Juízo Final e, portanto, não há nenhum medo metafísico da morte. Como parte da natureza, o homem se alegra da sua vida palpitante, das funções do seu corpo e das forças do seu espírito, e como as outras criações da natureza, é vítima da dissolução natural. (Auerbach, 1971: 241).

Essa vida palpitante, essas funções do corpo e essa dimensão profunda da existência concreta das experiências humanas parecem presentes, também, na literatura de cordel. Lampião, assim como Antônio Silvino nos folhetos de Leandro Gomes de Barros, agora não trava mais batalhas contra as volantes de soldados, mas contra exércitos de santos e demônios; não demonstra nenhum medo metafísico da morte, e triunfa contra estes, reduzindo-os a uma dimensão corpórea. Em um folheto de José Costa Leite, Lampião obriga o diabo a chocar um ovo; em outro folheto de José Pacheco, discute com São Pedro após este não permitir sua entrada no céu; em “A chegada de

5 “Ciclos temáticos na literatura de cordel: tentativa de classificação e de interpretação dos temas usados pelos poetas populares” (Literatura..., 1973: 126).

Lampião no inferno”, também de Pacheco (Rocha, 1977), temos a seguinte estrofe que ilustra o medo do diabo ao saber que Lampião pretende entrar no inferno:

Lampião é um bandido
Ladrão da honestidade
Só vem desmoralizar
A minha propriedade
E eu não vou procurar
Sarna para me cossar
Sem haver necessidade.

Há nestes versos dois aspectos que merecem destaque. O primeiro é Lampião como a consumação de valores importantes como honestidade, bravura e coragem. O cangaceiro, mesmo no além, é um “fora da lei” e, assim como na “terra”, procura instaurar outros valores, subvertendo a ordem dominante. Há uma idealização dessa imagem do cangaceiro que não teme a morte, nem mesmo o diabo. O outro aspecto diz respeito à representação do diabo nesse trecho, que se assemelha a imagem de um coronel amedrontado com a invasão de sua propriedade e que procura fugir do enfrentamento, demonstrando o medo de uma possível desmoralização. Parece haver uma espécie de espelhamento na relação entre o inferno e as relações sociais no campo, assim como, entre o proprietário de terras e o diabo: da mesma forma que o coronel procura resolver, pelo agenciamento de capangas, seus problemas com um grupo de cangaceiros, no inferno o diabo também alicia um exército para proteger-se de Lampião. Outras duas estrofes demonstram esse mesmo efeito de espelhamento:

Houve grande prejuízo
No inferno nesse dia
Queimou-se todo dinheiro
Que Satanás possuía
Queimou-se o livro de pontos
Perdeu-se vinte mil contos
Somente em mercadoria.

Reclamava Lúcifer:
Horror maior não precisa
Os anos ruins de safra
Agora mais esta pisa
Se não houver bom inverno
Tão cedo aqui no inferno
Ninguém compra uma camisa (Rocha, 1977)

Não é somente o inferno que se parece com este mundo à revelia, mas como há um efeito de espelhamento, esse mundo também assemelhar-se-ia a um inferno dominado pelos interesses diabólicos dos poderosos. As ações do cangaceiro não somente desmoralizam, mas causam prejuízo

ao diabo-coronel. Mesmo estremeceimento provoca Lampião em São Pedro, no folheto “A chegada de Lampião no céu”, de Rodolfo Coelho Cavalcanti. Chegando ao paraíso, o cangaceiro é interpelado pelo santo que, conhecendo sua fama, responde:

São Pedro se estremeceu
Quase que perdeu o tino
Sabendo que Lampião
Era um terrível assassino
Respondeu balbuciando
O senhor... está... falando...
Com... São Pedro... Virgulino! (Cavalcanti, 1977)

Lampião não está na “lista da salvação” e, por esse motivo, anseia falar com a Santa Mãe das Dores, Jesus ou Padre Cícero para que intercedam em seu nome. Ao conseguir uma entrevista com Jesus, relata o motivo que o teria levado ao cangaço:

Disse o bravo Virgulino
Senhor não fui culpado
Me tornei um cangaceiro
Porque me vi obrigado
Assassinaram meu pai
Minha mãe quase que vai
Inclusive eu coitado. (Cavalcanti, 1977)

Mesmo sabendo de seu histórico de crimes, o cangaceiro acredita ser possível sua entrada no céu. Sua *hýbris* vai cedendo lugar a um humilde reconhecimento diante da Virgem Maria, que advoga em sua causa num julgamento formado para decidir seu destino. No final, Jesus (que fazia o papel de jurado) decide enviar a alma do cangaceiro para o purgatório onde um novo julgamento será realizado.

IV

Podemos concluir que muitos cordéis que tematizam o ciclo do cangaço reforçam ficcionalmente o aspecto heroico do cangaceiro, ou procuram demonstrar que sua resistência diante das estruturas arbitrárias de poder é uma forma de transgressão dos valores socialmente estabelecidos pelos poderes centralizadores de determinadas figuras (coronel, diabo, políticos); tal processo de ficcionalização, portanto, insere seus protagonistas no tipo de cangaço classificado por Frederico Pernambucano de Mello como “cangaço de vingança”, atribuindo ao cangaceiro um imperativo ético e valores morais. Além disso, percebemos nessas representações, traços de um

“realismo criatural” que exacerba e dilata as fronteiras destas representações, produzindo, não raro, um efeito cômico pelo efeito da corporalidade.

Referências Bibliográficas

AUERBACH, E., [1971] *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George Bernard Sperber. - São Paulo: Editora Perspectiva. [*Mimesis: Dargestellte Wirklichkeit in der abendländischen Literatur*. 1946].

BARROSO, G., [2012]. *Heróis e Bandidos: os cangaceiros do Nordeste*. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora. [*Heróis e Bandidos: os cangaceiros do Nordeste*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917].

BATISTA, S. N., [1977]. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto.

CAVALCANTI, R. C., [1977]. *A chegada de Lampião no céu*. In: BATISTA, S. N., [1977]. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

CURRAN, M. J., [2003]. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: EDUSP.

LITERATURA POPULAR EM VERSOS: ESTUDOS., [1973]. Tomo I. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa.

MELLO, F. P. de., [2011]. *Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa.

NEMER, S. R. B., [2007] *Glauber Rocha e a literatura de cordel – uma relação intertextual*. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, v. 1..

NEWTON JÚNIOR, C., [2009] *O cangaço na poesia brasileira: (uma antologia) / Seleção e Prefácio de Carlos Newton Júnior*. São Paulo: Escrituras Editora.

PERICÁS, L. B., [2010]. *Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo: Boitempo.

REGO, J. L., [2007]. *Cangaceiros*. 12º Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

RIBEIRO, D., [1995] *O povo brasileiro: a evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.

ROCHA, J. P. da., [1977]. *A chegada de Lampeão no Inferno*. In: BATISTA, S. N., [1977]. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto.

SPERBER, Suzi Frankl., [2009]. *Ficção e razão: uma retomada das formas simples*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp.